

## M a t e r

Ei-la!... — senhora e serva, entre humana e divina,  
Por mais a dor, por dentro, a espanque ou despedace,  
Carreia a paz no gesto e o sorriso na face,  
Fala e desvenda o rumo, abençoa e ilumina.

Anjo renovador, tem no lar a oficina,  
Onde o serviço exclui todo prazer mendace,  
Ao seu toque de luz, a esperança renasce,  
Suporta, recompõe, trabalha, sofre, ensina.

Mãe, um dia, quis Deus mostrar-se à vida humana,  
Fêz-te santa e mulher, escrava e soberana,  
Vinculada nos Céus, de homenagens prescindes!...

Deus se revela em ti, no amor alto e perfeito,  
Por isso, trazes, Mãe, nos recessos do peito,  
A ternura sem par e a bondade sem lindes.

CARLOS BITTENCOURT

## Culpa e resgate

— «Morte ao mouro na roda! Eu, Marquês, determino!...»  
Bradava Dom Vidal, de flórea platibanda.  
E, de cabeça em fogo, a vítima demanda:  
— «Valei-me, ó Tribunais do Socorro Divino!»

Outros mouros se vão, a regalos de sino...  
Um dia, Dom Vidal, enquanto se desmanda,  
Vê a morte chegar... Cede-lhe à força branda,  
Mas, liberto da carne, é um louco sem destino.

Correm tempos de dor... O fidalgo violento  
Renasce em provação!... Penúria, sofrimento...  
Paranóico e obsesso, exibe pompa espúria.

Alucinado agora, em tugúrio singelo,  
Proclama: «Eu sou Marquês!... Quem roubou meu castelo?»  
Depois tomba na laje em acessos de fúria...

VALENTIM MAGALHÃES